

A CRISE ATUAL DO CAPITALISMO: NATUREZA, IMPASSES E PERSPECTIVAS

Apresentação

A crise do capitalismo – que se agrava desde fins de 2008 – ocupa um privilegiado espaço nos meios de comunicação de massa, nos meios acadêmicos e editoriais de todo o mundo. Enquanto se desenvolve e tem seus perversos efeitos sociais, a crise, hoje, não mais é escamoteada nem negada por aqueles que nela estão envolvidos (organismos internacionais, Estados nacionais, grandes empresas, sindicatos patronais e de trabalhadores, mídia etc.). Ao contrário, de forma inédita, a crise é acompanhada de perto e tem sido objeto de intensos e acirrados debates: em artigos, reportagens e entrevistas (em jornais impressos e na TV); em simpósios e conferências em universidades e centros de pesquisa (especializados ou não em economia); nos *blogs* e *sites* da internet (vídeos, inclusive, com teor crítico chegam a ser disponibilizados). Pela primeira vez, no “calor da hora”, alcançam um amplo público documentários e filmes de longa metragem (como os do diretor Michael Moore e o laureado *Inside Job/Trabalho interno*, dirigido por Charles Ferguson) ou animações (ver, por exemplo, o criativo vídeo de David Harvey: <http://www.youtube.com/watch?v=OJ6xlbApAM>).

Mas, com exceção de alguns depoimentos críticos veiculados pela internet e dos filmes e vídeos com orientações semelhantes aos citados anteriormente, a perspectiva teórico-ideológica sob a qual a crise é analisada não transcende os limites do neoliberalismo ou, na melhor das hipóteses, da economia política keynesiana reformista. Ou seja, para as duas perspectivas dominantes no debate, em breve, a crise atual será superada ou então, mediante reformas e ajustes econômicos e políticos, o capitalismo – “a única ordem econômico-social compatível com a razão moderna e os valores da democracia” – poderá retomar seu ritmo normal de crescimento e, assim, recriar as condições para uma sociedade de equilíbrio e bem-estar. Embora não neguem sua existência, acreditam os intérpretes vinculados a estas perspectivas teóricas que, ao fim e ao cabo, a crise trará benefícios para o conjunto da sociedade.

Em duas palavras, as análises da crise atual do capitalismo, prevalecentes

nos mais influentes aparelhos ideológicos (meios de comunicação de massa, editoriais etc.), são feitas a partir da perspectiva das classes economicamente dominantes e politicamente dirigentes. Para estas, a crise atual do capitalismo, longe de favorecer a crítica de esquerda e as alternativas políticas transformadoras, redundará na renovação e fortalecimento do capitalismo. Em 27/12/2011, o conservador *Financial Times* – que dedicou uma série de artigos sob o significativo título de “Capitalismo em crise” –, publicou um editorial cujo título sintetiza essa visão: “*Capitalism is dead; long live capitalism!*”!

Este *Dossiê* convidou pesquisadores e estudiosos que se orientam por pressupostos e conceitos críticos para discutir/para debater a atual crise do capitalismo contemporâneo. Partilhando do pressuposto de que está fundado em irreconciliáveis contradições sociais e econômicas – responsáveis por suas crises permanentes e cíclicas –, os nove intelectuais que participam deste debate entendem que o sistema capitalista, como todo processo histórico e social, pode ser radicalmente transformado. O capitalismo não é, em absoluto, a realização da razão na história. Questionando as duas perspectivas teóricas mencionadas, os oito pesquisadores, quatro deles residentes no exterior, que é possível analisar a crise atual do capitalismo sob a ótica daqueles que estão submetidos e sofrem a lógica do capital.

Sob esta dimensão crítica, os organizadores deste *Dossiê* propuseram aos debatedores – à guisa de orientação – o seguinte roteiro de questões: *Qual o caráter e a especificidade da atual crise econômica? Do ponto de vista dos trabalhadores e setores populares, quais seriam os principais efeitos econômicos, sociais e políticos da presente crise? Quais seus impactos na relação centro-periferia do sistema, sobre a América Latina e, em particular, sobre o Brasil? Tem o capitalismo ainda recursos para superar semelhante crise, tem meios para se autoreformar ou a natureza e contradições da atual crise abrem um espaço para radicais lutas anti-sistêmicas?*

No artigo “*Crise no neoliberalismo ou crise do neoliberalismo?*” que abre o dossiê, Alfredo Saad Filho caracteriza a crise atual como uma crise sistêmica no neoliberalismo, por entender que para haver uma crise do capitalismo neoliberal seria necessária a formação de uma alternativa sistêmica, que ainda se encontra ausente na cena política mundial. Saad Filho observa que, para a construção de uma alternativa sistêmica, a esquerda não pode se iludir com a possibilidade de uma aliança com a burguesia industrial, pois “o capital industrial está materialmente

comprometido com a reprodução do neoliberalismo”.

Atilio Boron salienta, em “*¿Comienza una revolución anticapitalista?...*”, que a crise atual no capitalismo tem sido marcada pelo contraste entre a opulência e o enriquecimento de uma minoria e a ampliação da pobreza das massas. Nessas circunstâncias, a crise cria as condições objetivas para desmascarar a pseudodemocracia realmente existente que só interessa aos plutocratas, abrindo, com isso, espaço para a intervenção da luta anticapitalista. No entanto, Boron considera que se, por um lado, as condições objetivas para o processo revolucionário existem, as condições subjetivas desse processo não estão sendo preenchidas, por outro.

O texto de Cláudio Katz, “*El ajedrez global de la crise*” - publicado originalmente em sua página pessoal (Ver: <http://katz.lahaine.org/?p=210>) - , indica o desenvolvimento desigual da crise nas diferentes formações sociais da economia capitalista mundial. Depois de tratar da situação de países como os EUA, o bloco europeu, em especial a Alemanha, a China e demais países emergentes na crise econômica mundial, o autor sustenta que está em processo o declínio dos EUA e o avanço da China e dos países emergentes. No entanto, ressalta que a configuração de uma nova ordem multipolar não coloca em risco os pilares da mundialização neoliberal, já que as empresas transnacionais continuam como protagonistas do desenvolvimento capitalista atual, assim como persiste a competição global por lucro à custa da exploração da força de trabalho. Nesse cenário, Katz vê com certo otimismo o ressurgimento das lutas sociais no ano 2011 e aponta para a possibilidade do encontro de setores da juventude com a classe operária na construção de uma saída progressista da crise.

Em “*Dívidas soberanas: limites do receituário keynesiano para uma crise estrutural*”, Gérard Duménil e Dominique Lévy analisam a segunda fase do que chamam “crise estrutural”, marcada pela crise das dívidas soberanas. Para os autores, a crise é estrutural, pois se caracteriza como uma crise do capitalismo neoliberal sob a hegemonia dos EUA. Para sair dessa crise, faz-se necessário não apenas uma mudança na política macroeconômica, mas transformações profundas relacionadas “às instituições econômicas, à gestão das empresas, ao papel do setor financeiro, às políticas industriais e às relações internacionais”. Para Duménil e Lévy, na ausência de lutas populares significativas e consistentes, os conflitos se situarão fundamentalmente no seio das próprias classes superiores, que, no

entanto, não têm logrado apontar soluções efetivas para a crise, caindo naquilo que denominam de “políticas do imobilismo” de corte neoliberal ou keynesiano.

Para Marcelo Dias Carcanholo, a crise da economia mundial capitalista está relacionada com a lógica do capital fictício. No texto *“Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo”*, o autor sustenta que tem predominado a lógica disfuncional do capital fictício para a acumulação do capital total. Essa disfuncionalidade está ligada à apropriação de valor por uma massa crescente do capital sem a correspondente produção de valor. Trata-se de uma crise estrutural que impacta não só os países centrais, como também os países periféricos, aprofundando a situação de dependência desses países em relação aos centros da economia capitalista mundial. No que se refere às lutas populares, Carcanholo vê com ressalvas as proposições de caráter nacionalista e aponta para a necessidade da classe trabalhadora construir uma concreta alternativa anticapitalista.

Em *“Metástase da crise e aprofundamento da reversão colonial”*, Plínio de Arruda Sampaio Jr. sustenta que a crise iniciada em 2007 tem resultado na aplicação de mais liberalismo e no fortalecimento dos EUA e de sua burguesia no cenário internacional. No caso brasileiro, muito distante de um suposto descolamento da crise, vive-se uma conjuntura marcada pela tendência à desindustrialização e à especialização regressiva, o que só reforça o processo de reversão colonial e a posição passiva do país na divisão internacional do trabalho. Para Sampaio Jr., a crise atual tende a acirrar a luta de classes e a abrir espaço para que a solução do trabalho confronte a solução do capital.

De acordo com Sofia Manzano, em *“Crise estrutural e os direitos dos trabalhadores na Europa do Euro”*, o euro funciona como padrão-ouro e, sendo assim, para conter uma crise desta moeda os Estados membros da União Européia não possuem brechas para promover ajustes nas políticas monetária e cambial, o que os levam a resolver a crise a partir da política fiscal. Nesse sentido, esses Estados passam a promover ataques aos direitos e à renda dos trabalhadores para garantir o processo de acumulação de capital. Como resposta a esse processo, a autora entende que mais resistências surgirão nos países do elo mais fraco da Europa.

No artigo que encerra este dossiê *“Os abismos regressivos da história...”*, Valério Arcary aponta três hipóteses interpretativas: a) o capitalismo tem se confrontado com seus limites históricos, tendo em vista que o processo de valorização do capital tem se deparado com certos obstáculos. Para ele, a crise atual foi gerada

pela financeirização acelerada com a criação de derivativos, o que fez com que a valorização do capital estivesse comprometida com um volume estratosférico de capital fictício; b) o surgimento de situações revolucionárias nos elos mais frágeis está mais próximo, pois a ocorrência de reformas no capitalismo serão cada vez mais difíceis; c) o “socialismo não está mais perto”, o que nos aproxima de um impasse histórico que poderá resultar no surgimento de formas de regressão histórica, tais como aquelas que surgiram depois da Segunda Guerra Mundial: limpeza étnica, genocídio, ditaduras, seqüelas de restauração capitalista, estagnação econômica mundial, recolonização, reprimarização e desnacionalização das economias periféricas ou revogação das políticas de bem-estar social nos países centrais.

Por último, os organizadores deste *Dossiê* são gratos pelo convite a eles feito pelo Comitê editorial de *CRÍTICA e SOCIEDADE: revista de Cultura Política*, particularmente aos colegas Alessandro Leme e Patrícia Vieira Trópia que nos deram inteira liberdade na definição da problemática e na definição dos autores que participam deste debate. Ressaltando que apenas o artigo de Cláudio Katz foi publicado anteriormente, todos os demais textos são originais, pois foram especialmente produzidos para este *Dossiê*. Aos autores somos gratos pela gentileza de participarem do Debate.

Nossos melhores agradecimentos a Vicente Neves da Silva Ribeiro, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (Campus Chapecó/SC), que, de forma solidária, traduziu o texto de Gérard Duménil e Dominique Lévy.

Caio Navarro de Toledo e Danilo Enrico Martuscelli (orgs.)